

# 10 IDENTIFICADORES GLOBAIS DE UM COLÉGIO JESUÍTA

- 1) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser católicos e em oferecer uma profunda formação na fé em diálogo com outras religiões e visões de mundo.
- 2) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em criar um ambiente seguro e sadio para todos.
- 3) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Cidadania Global.
- 4) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com o cuidado de toda a Criação.
- 5) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a justiça.
- 6) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser acessíveis a todos.
- 7) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Interculturalidade.
- 8) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em ser uma Rede Global a serviço da Missão.
- 9) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Excelência Humana.
- 10) Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a aprendizagem para toda a vida.

Os 10 Identificadores Globais estão na publicação "Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no século XXI. Um exercício contínuo de discernimento".  
Acesse: [http://bit.ly/tradicao\\_viva2](http://bit.ly/tradicao_viva2)



# Emcompanhia



## CONHECER, AMAR E SERVIR

Campanha Ser Mais Amazônia anima os jovens a colocarem em prática os resultados do Sínodo



tudo  
está

## interligado

A pandemia que ameaça o mundo coloca-nos todos face à experiência de um mal comum. Essa circunstância pode também nos reconectar com o bem comum, muitas vezes relativizado frente ao crescente individualismo. Somos inevitavelmente responsáveis uns pelos outros. Não há como se proteger se não protegemos os outros, principalmente os mais frágeis. Como o Papa Francisco tem insistido: tudo está interligado!

MAGIS  
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL



## NA PAZ DO SENHOR

### PE. LAURO WILLY BARTH, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller

(MT), dedicando-se a trabalhos voltados à juventude e à catequese.

O jesuíta estudou Filosofia no Instituto Filosófico e Teológico, em Campo Grande (MT), e Teologia no Colégio Máximo Cristo Rei. Em 16 de dezembro de 1978, foi ordenado presbítero, em Itapiranga, pelo Bispo de Chapecó, Dom José Gomes.

“ O JESUÍTA  
AJUDOU

A INSTITUIR A  
PARÓQUIA NOSSA  
SENHORA DO ROSÁRIO  
DE FÁTIMA, EM  
LUCAS DO RIO VERDE,  
E FOI SEU PRIMEIRO  
PÁROCO. ALÉM  
DISSO, TRABALHOU  
COM MEDICINA  
ALTERNATIVA, EM  
SINOP.

A maior parte dos seus ministérios foram exercidos no estado de Mato Grosso, tendo trabalhado como pároco ou vigário paroquial em Diamantino (Paróquia Imaculada Conceição), Nortelândia (Paróquia de Sant' Ana), Lucas do Rio Verde (Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima), Juara (Paróquia São José), Sinop (Paróquia Santo Antônio e Paróquia São José), Itaúba (Paróquia São Pedro) e em Nova Mutum (Paróquia Imaculada Conceição). Vale ressaltar que o jesuíta ajudou a instituir a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Lucas do Rio Verde, e foi seu primeiro pároco. Além disso, trabalhou com medicina alternativa, em Sinop.

Entre 2002 e 2015, Pe. Lauro Barth atuou em vários municípios da região sul do Brasil: em Curitiba (PR), na Paróquia Nossa Senhora da Paz, como vigário paroquial; em Itapiranga, onde colaborou nas paróquias; em Nova Trento (SC), na Paróquia São Virgílio, como vigário paroquial; em Salvador do Sul (RS), onde trabalhou com a Pastoral da Saúde e ajudou na Paróquia Três Santos Mártires das Missões.

Em 2016, esteve na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, em São Leopoldo (RS), para cuidar da sua saúde e, de 2017 a 2020, foi para a Comunidade de Saúde e Bem-Estar Nossa Senhora da Estrada, em São Paulo (SP), onde rezava pela Igreja e pela Companhia. Nesse mesmo local, Pe. Lauro Barth faleceu em 16 de abril de 2020.

Em carta de 18 de junho de 2008, pela passagem do jubileu de ouro de vida religioso do Pe. Lauro Barth, o Pe. Adolfo Nicolás, então Superior Geral da Companhia de Jesus, lembra, de modo especial, a sua dedicação ao apostolado na região do Mato Grosso, de 1979 a 2001, como missionário e com atenção aos enfermos, por meio da saúde alternativa. ■

Padre Lauro Barth nasceu no município de Itapiranga (SC), em 17 de março de 1938. É irmão do também padre jesuíta Renato Roque Barth.

Em 7 de setembro de 1958, ingressou na Companhia de Jesus, em Pareci Novo (RS). O seu Mestre de Novíços foi o Pe. Francisco Nunes da Fonseca. No dia 11 de setembro de 1960, emitiu os primeiros votos como irmão jesuíta. Nesse mesmo ano, fez a etapa de formação do Juniorado.

De 1961 a 1964, trabalhou como cozinheiro em Pareci Novo, Salvador do Sul (RS), e no Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo (RS). Em seguida, foi para o município de Diamantino (MT), onde exerceu o cargo de cozinheiro e, posteriormente, foi designado para trabalhar na Secretaria e na Procuradoria da Missão Anchieta. Em 22 de agosto de 1971, fez os últimos votos como irmão jesuíta. Em 1973, esteve em Cuiabá

# Nossa Senhora da Estrada

24 de Maio

VEM, SENHORA DA ESTRADA,  
VOU SEM HORA MARCADA  
PÉS NO CHÃO, BUSCANDO O CÉU  
VEM, SENHORA DA ESTRADA,  
VOU SEM HORA MARCADA,  
COM A FÉ VOU CAMINHAR,  
VOU SEM MEDO ANDAR, ANDAR

(Trecho da música Nossa Senhora Da Estrada - do Grupo OPA)

<https://youtu.be/jCK4dyjE3Rw>



JESUÍTAS BRASIL

## SUMÁRIO

EDIÇÃO 64 | ANO 7 | ABRIL 2020

## 6 EDITORIAL

- Não se nasce amazônica, torna-se Mariana Guimarães

## 7 CALENDÁRIO LITÚRGICO

## 8 ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO

- Encontrar a Deus em todas as coisas Pe. Franklin Alves Pereira, SJ

## 10 MUNDO + CÚRIA

- Ações da Cúria Geral em Roma em meio à pandemia de covid-19

## 11 EDUCAÇÃO

- RJE amplia plataforma de estudos on-line para levar conteúdo a alunos

## 12 ESPECIAL

- Conhecer, amar e servir

## 18 AMÉRICA LATINA + CPAL

- Um grito pelo Haiti
- Rede Jesuíta com Migrantes reestrutura organização na América do Sul
- Fundação Fé e Alegria do Brasil participa da 35ª Assembleia da Federação Internacional
- Visita pastoral às comunidades indígenas do Rio Amazonas
- Jesuíta é convidado para palestrar sobre a experiência do processo sinodal na Amazônia
- Em isolamento social, jesuítas do SJPM aproveitam o momento para reflexão

## 22 PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

- Projeto ensina língua portuguesa e cultura brasileira a migrantes



Jovens músicos da Amazônia se juntaram na composição do hino *Amazônia Querida!* para a campanha do MAGIS Brasil

contato com não indígenas. Nos anos 1970, o contato acarretou doenças que, inclusive, dizimaram alguns povos indígenas, como é o caso dos matis, que perderam um terço da sua população com epidemias de gripe e outras doenças infectocontagiosas. “Sou professor e um dos motivos da educação ser importante para nós é porque ela resgata a nossa história e nos ensina a resistir”, comentou Pixi Kata Matis, que é professor na comunidade indígena Tawayá e fortalece a corrente de luta na educação indígena.

Durante o Encontro de Comunicadores, foram mencionadas também algumas diretrizes da Igreja para a Comunicação. A Ir. Joana Puntel, doutora na área e uma das pessoas referenciais na construção do Diretório de Comunicação no Brasil, documento 99 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), explicou a importância da formação para comunicadores. Segundo ela, “a Igreja no Brasil vem acompanhando o processo comunicativo com o intuito de atualizar a sua missão no mundo e, para isso, precisa aprimorar as suas estratégias, além de levar em conta o protagonismo dos leigos e leigas na comunicação evangelizadora.”

É importante lembrar que os leigos e leigas têm papel fundamental quan-



do se trata da caminhada da Igreja na Amazônia e as escutas sinodais evidenciaram esse rosto laical. Daí nasce a necessidade e a urgência de promover espaços que permitam processos formativos contínuos para agentes pastorais ou profissionais da comunicação.

Outro momento importante do Encontro foi o espaço lúdico da contação de histórias, pensado pelo gênero discursivo narrativo das fábulas, que são caracterizadas positivamente por disseminar valores essenciais para as relações sociais, como respeito e ética. O momento foi construído com a colaboração da profa. mestra

em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Tássia Patrícia da Silva.

A professora contextualizou a narrativa historiográfica da realidade negra, sobretudo, da mulher jovem. Estudiosa da área em etnicidade e mulher jovem negra, ela falou acerca da autoafirmação. “A mulher negra, mais do que nunca está produzindo novas narrativas na sociedade, visibiliza a discussão da sua identidade cultural e assume uma atitude empoderada de se autoafirmar, o que colabora também com o empoderamento de outras mulheres”, comentou. Por meio das questões afrodescendentes e étnicas, o encontro quis chamar a atenção dos comunicadores para as vozes dos povos da Amazônia por meio do lugar de fala dos seus interlocutores.

No final do Encontro, o Delegado para a Preferência Apostólica Amazônia – PAAM da Companhia de Jesus, padre jesuíta David Romero, reconheceu a importância do encontro anual de comunicadores das obras e dos serviços dos jesuítas como meio e compromisso de proteger e defender a Casa Comum, sobretudo, a Amazônia. ■

Fonte: Assessoria de Comunicação da PAAM/ Ana Lúcia T. Farias



# ENCONTRO DE COMUNICADORES BUSCA VISIBILIZAR A AMAZÔNIA



Discutir a visibilidade da Amazônia com base na Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2020 e a narrativa do processo sinodal, que culminou com a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* foi o objetivo do encontro que reuniu profissionais e populares da Companhia de Jesus na Amazônia que atuam em diversas frentes de serviços, como educação popular, socioambiental, espiritualidade, juventudes e paróquias, em Manaus (AM), de 5 a 8 de março.

O 2º Encontro de Comunicadores da Preferência Apostólica Amazônia (PAAM) da Província dos Jesuítas do Brasil deu ênfase à ação comunicativa de evidenciar as realidades do território e seus povos, em sintonia com os quatro sonhos do Pontífice por meio do lugar de fala em que cada comunicador, ou comunicadora, é atuante. Na

programação, estavam incluídas oficinas e minicursos técnicos-formativos (redação de notícia, fotografia, audiovisual, assessoria de imprensa etc.), combinando espaços de mística amazônica, espiritualidade inaciana, roda de conversa e momentos reflexivos, criativos e artísticos. Além disso, foi uma ocasião para convivência e partilha entre os participantes que estavam representados pelos Estados do Amazonas, Pará e Roraima.

O aprofundamento do tema do encontro – *A vida se faz história: por uma narrativa amazônica sonhamos e dizemos quem somos* – teve a contribuição de Diego Aguiar, articulador do Eixo Formação e Métodos Pastoris da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM Brasil, Regional Norte 1), que trouxe alguns pontos principais da Mensagem do Papa Francisco aos comunicadores. A discussão levou os

comunicadores da PAAM a refletirem as narrativas que eles comunicam, a importância de contar boas histórias e denunciar as injustiças na Amazônia, uma vez que se percebem corresponsáveis pelo impacto na transformação da realidade.

Seguindo a reflexão das boas narrativas, Aguiar explicou que “o sínodo, antes de tudo, foi um grande processo de escuta e os comunicadores devem estar comprometidos com esse modelo de narração, na qual as vozes dos povos são escutadas e evidenciadas”, comentou ele.

No momento da roda de conversa, esteve presente o indígena Pixi Kata Matis, do Vale do Javari, de Atalaia do Norte, região que, entre outros povos, abriga a maior concentração de povos indígenas isolados do mundo. A localidade é marcada, em sua história, por eventos traumáticos de indígenas em



## 24 AMAZÔNIA

- Encontro de comunicadores busca visibilizar a Amazônia



## 26

### NA PAZ DO SENHOR

- Pe. Lauro Willy Barth, SJ

## EXPEDIENTE

**EM COMPANHIA** é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

**COMUNICAÇÃO BRA**  
contato@jesuitasbrasil.org.br  
www.jesuitasbrasil.org.br

**DIRETOR EDITORIAL**  
Pe. Anselmo Dias, SJ

**EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
Sílvia Lenzi (MTB: 16.021)

**REDAÇÃO**  
Cristiane Garcia Azevedo  
Maria Eugênia Silva  
Sílvia Lenzi

**DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS**  
Érica Rodrigues

**ESTAGIÁRIO**  
Wellerson Soares

**COLABORADORES DA 64ª EDIÇÃO**  
Ana Zicardi (Revisão), Ana Lúcia T. Farias, Pe. Agnaldo Júnior, SJ, Cristina Requena, Emanuela Guimarães, Ingrid Nascimento, Janaina Santos, Larissa Barreiros, Mariana Guimarães, Ir. Raimundo Barros, SJ, Renan Wermelinger e Sandra Maria Cavalcante.



**Mariana Guimarães,**  
Assessora de Comunicação do  
Centro MAGIS Amazônia

## NÃO SE NASCE AMAZÔNIDA, TORNA-SE

co e todas as pessoas que construíram esse processo nos chamam a ter um olhar mais atento às realidades da região que, tanto no aspecto ambiental quanto no social, vêm sofrendo diversas ameaças. Mas, além disso, há uma forte crença na inquietude e no potencial de liderança transformadora da juventude.

“PARA ADENTRAR EM NOSSA REGIÃO, É PRECISO, ANTES DE TUDO, ESTAR DISPOSTA E DISPOSTO A ABANDONAR VELHOS CONCEITOS. ESTAR ABERTO AO SENSÍVEL IMAGINÁRIO AMAZÔNIDA.”

Ribeirinhos, quilombolas, indígenas, camponeses, caboclos, comunidades assentadas e pessoas da cidade. Falar de juventude amazônica sem considerar, minimamente, os complexos contextos que bordam a nossa realidade é correr o risco de repetir um discurso raso e que se pretende único. É como resumir a Amazônia em uma imagem aérea, remota e estática, pela qual se deslumbram as robustas florestas e sinuosos rios, deixando passar despercebidas as nossas cores, sabores, lendas e crenças.

Para adentrar em nossa região, é preciso, antes de tudo, estar disposta e disposto a abandonar velhos conceitos. Estar aberto ao sensível imaginário amazônico. E isso se aplica não somente às pessoas que estão de fora, mas também, e principalmente, a nós, os povos da Amazônia. E, aqui, as e os jovens têm papel fundamental.

Quando o Programa MAGIS Brasil, como Rede Inaciana de Juventude, se propõe a fazer a campanha anual com o tema *Ser Mais Amazônia*, há o desejo de corroborar o convite do Sínodo Especial da Amazônia. Papa Francis-

Existe certa dificuldade para que jovens de outras regiões do país entendam como suas vidas estão interligadas a esse território e suas tradições, seja pela distância geográfica, seja pela falta de interesse, ou oportunidade, em conhecer a Amazônia que foge da imagem estereotipada e exótica. Por isso, para aquelas e aqueles que se sentem animadas e animados a mergulhar em nossa região, o convite é, sobretudo, para que se deixem afetar pelas diversas relações que são tecidas com o tempo, a natureza, os animais, os territórios e as pessoas por aqui. Mais do que procurar soluções inovadoras, é preciso ser alia-

da e aliado aos que protegem e amam a nossa Casa Comum, cuidando, assim, do bem-estar de todas e todos, já que não é possível explicar os problemas do mundo de forma isolada.

E as juventudes amazônicas? Imagino que, assim como em diversas regiões do Brasil e do mundo, é impossível traçar um perfil único que compreenda essa complexa teia de contextos. É possível morar na periferia de uma das maiores cidades da Amazônia sem esbarrar em uma árvore, ou mesmo viver no centro comercial e não ver um traço de rio. E, ao mesmo tempo que existem jovens que sonham ir para uma cidade grande, seja no Sudeste do Brasil, seja até mesmo fora do País, para ter uma vida o mais cosmopolita possível, há muitos que sofrem por terem de deixar o seu lugar - sua comunidade ribeirinha, seu quilombo, sua aldeia - em busca de 'melhores oportunidades'.

Tudo isso para dizer que nascer na Amazônia e se sentir pertencente a ela não é dado, inerente. Ser jovem aqui é lidar com a bruta presença da modernidade em nosso território e, constantemente, estar em contato com as nossas raízes. O nosso desafio é, então, despertar para a cultura do cuidado, estabelecendo relações mais justas e harmoniosas. É entender que somente existirá futuro se pudermos narrar o passado e o presente por meio, também, de nossos olhares e vivências. Como partilha Ailton Krenak, uma expressiva liderança indígena, se pudermos contar mais uma história, estaremos adiando o fim do mundo. Tu vens com a gente?

Boa leitura! ■

disso, perdemos alguns estigmas, o que é muito importante”, afirmou.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2010 e 2018, o Brasil recebeu 466 mil migrantes e/ou refugiados. Mais de 120 mil novos pedidos de asilo foram feitos, e entre as várias nacionalidades, haitianos e venezuelanos são os que mais buscam refúgio em solo brasileiro. Ainda segundo o IBGE, esses migrantes têm nível médio de escolaridade, não dominam outro idioma além do nativo e chegam em situação de maior vulnerabilidade social.

Para a venezuelana Cristina Requena, aluna do projeto há dois anos, a oportunidade tem sido fundamental no processo de adaptação, beneficiando a integração de migrantes e refugiados no Brasil, que enfrentam o medo e a insegurança ao se depararem com uma língua nova. “Este é o meu segundo ano no Projeto Ler. Aqui é uma comunidade cultural, que faz um trabalho maravilhoso para que as pessoas migrantes se sintam acolhidas. Trabalham muito a confiança para que fiquemos à vontade. Sempre dizem que a gente não erra porque estamos aprendendo uma coisa nova. As aulas são muito didáticas, com filmes

“COM O PROJETO, TENHO A OPORTUNIDADE CONHECER OUTRO PAÍS, OUTRA CULTURA, CONHECER A LÍNGUA, TER A POSSIBILIDADE DE ESTUDO, DE PENSAMENTO E DE TRABALHO.”

**Pedro Salazar,**  
migrante venezuelano



e músicas brasileiras. Nos ensinaram a falar, a comunicar, a conhecer nossos direitos e a ter confiança e segurança no aprendizado do português. Também temos ações de integração cultural para conhecermos melhor o país onde agora moramos. O Projeto Ler é uma porta para conhecer o Brasil, sua cultura e seu povo. No futuro, espero voltar ao meu país, mas sou muito grata por tudo o que aprendo aqui”, disse.

Pedro Salazar, também venezuelano fugindo da crise que assola seu país desde 2011, fala da importância de ter encontrado no projeto uma nova oportunidade para reconstruir a vida e começar o sonhado empreendimento. “Eu saí da Venezuela pelos acontecimentos com a crise e escolhi o Brasil. Aqui me senti acolhido desde o primeiro momento em que cheguei. Com o projeto, tenho a oportunidade de conhecer outro país, outra cultura, conhecer a língua, ter a possibilidade de estudo, de pensamento e de trabalho. Meu desejo e minha expectativa é que isso me possibilite começar meu

negócio de padaria e confeitaria de maneira autônoma”, afirmou Salazar.

Com a suspensão das aulas desde o avanço do novo coronavírus no Brasil, os educadores participantes têm se mobilizado para criar uma estratégia de retomada das aulas em um ambiente inteiramente virtual, com formato e conteúdo inédito. Parcerias com projetos que tenham a mesma proposta têm sido alinhadas, como o Brasileirices, portal idealizado pela educadora Camilla Villela, e o Redigir, administrado por Carla Coscarelli, têm sido alinhadas.

“Estamos estudando firmar algumas parcerias e encorajando os integrantes do Projeto Ler a assistirem as aulas disponíveis e às online do portal Brasileirices. Com aproximadamente 90 alunos inscritos, enfrentamos como concreta dificuldade o fato de um número expressivo de participantes não ter desenvolvido, ainda, intimidade com o uso da internet para fins de aprendizagem sistematizada, orientada, ou de não dispor de acesso livre à internet”, afirmou Sandra Maria Cavalcante. ■

# PROJETO ENSINA LÍNGUA PORTUGUESA E CULTURA BRASILEIRA A MIGRANTES



O curso de língua e cultura brasileira oferecido pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados Belo Horizonte (SJMR BH), em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), visa facilitar a autonomia, a inserção e a emancipação social de migrantes e refugiados no processo de adaptação à realidade de um novo país. Denominado Projeto Ler, a iniciativa foi ampliada este ano e 80 alunos dos níveis intermediário e avançado têm sido beneficiados com aulas gratuitas nas instalações da unidade da PUC, na Praça da Liberdade (BH).

O Projeto Ler (Leitura e Escrita com Refugiados e Migrantes), criado em 2017, é voltado para jovens e adultos com o objetivo de construir uma comunidade intercultural no sentido de contribuir para compreensão e superação dos desafios da vulnerabilidade social.

O curso é ministrado por professores, alunos e ex-alunos da área de Ciências Humanas e de outros campos do saber. Os encontros acontecem aos sábados, com três horas de duração. As atividades envolvem oficinas de leitura e escrita de textos de natureza diversa, de acordo com as aptidões pessoais e demandas sociais, culturais e linguísticas dos migrantes. O aprendizado é ampliado ainda por meio de músicas, dinâmicas e confraternizações. A carga presencial de 40 horas semanais é distribuída em dois semestres, totalizando 120 horas anuais, o equivalente a um período letivo regular no Brasil.

Coordenadora do projeto, Sandra Maria Cavalcante contou que os desafios têm sido traduzidos em resultados positivos de maneira rápida, tanto para os alunos quanto para os professores.

“Nós percebemos que a aprendizagem contextualizada, voltada para a

compreensão dos valores culturais brasileiros, têm garantido o aprendizado e a proficiência muito mais rápida nas quatro habilidades da língua portuguesa: falar, ler, ouvir e escrever. Esse projeto é um espaço de aprendizagem para professores e estudantes extensionistas. Nós estamos em campo assumindo a agenda dos Direitos Humanos e da cultura da paz, aprendendo a construir metodologias inéditas e inovadoras para o desenvolvimento dessa cultura”, disse a educadora.

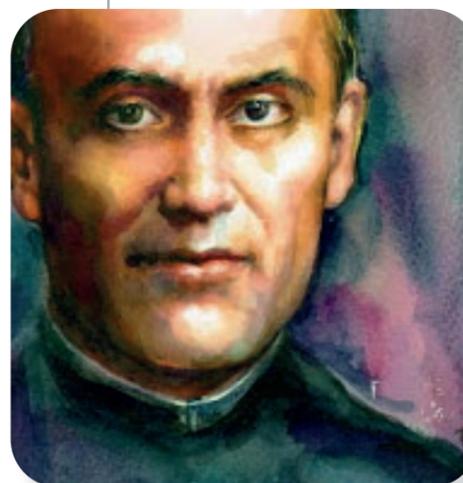
Integrante do grupo de extensão, Bruna Leles ressalta que, além de aprender na proximidade com novas culturas, o curso tem possibilitado a redução de estigmas em relação às pessoas de outras nacionalidades que vêm para o Brasil. “É um aprendizado muito grande poder estar lá dentro e ter contato com pessoas de culturas tão diferentes e ricas também, das quais a gente não tem tanto conhecimento. Além

## CALENDÁRIO LITÚRGICO PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

## MAIO

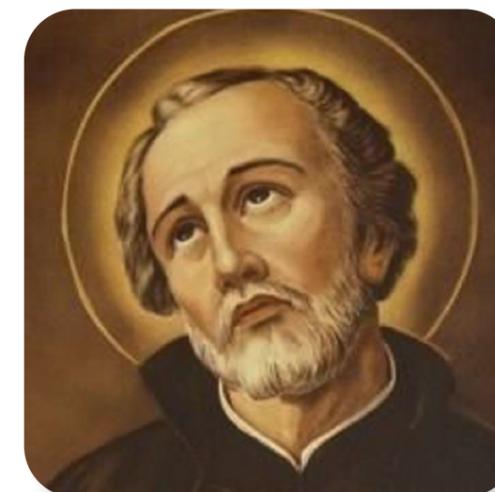
DIA 4

São José Maria Rubio



DIA 16

Santo André Bobola



DIA 24



Nossa Senhora da Estrada



Pe. Franklin Alves Pereira, SJ

## ENCONTRAR A DEUS EM TODAS AS COISAS

Sempre em trânsito, Pe. Franklin Alves Pereira encontrou na Companhia de Jesus um de seus tantos lugares. Amante da língua portuguesa e da poesia, o jesuíta nos conta sobre suas peregrinações, originadas no ventre materno, e sobre sua sede por justiça, que entende como o “fruto de uma profunda experiência com Deus”. Em entrevista ao informativo **Em Companhia**, padre Franklin relembra um pouco de sua história de vida e conta de suas vivências na atual missão. Confira:

### ► Conte-nos um pouco sobre sua história, família, onde nasceu.

Nasci em Santo André (SP), no dia 4 de junho de 1977. Era o ano da serpente no calendário chinês. Sou o filho do meio de nordestinos alagoanos de São José da Tapera. Quando eu tinha um ano, meus pais resolveram deixar o Estado de São Paulo e voltar para o Nordeste. Lá, cresci entre os estados de Sergipe e Alagoas.

Desde cedo, eu ganhei o mundo! Quando tinha quinze anos de idade, entrei no Seminário Menor da Arquidiocese de Aracaju (SE) e lá fiz o ensino médio. Mas, movido pela inquietação, deixei o seminário e voltei para a casa dos meus pais. Sempre tive dificuldade em ficar no mesmo “lugar” por muito tempo. Depois, descobri que a minha história de vida me deu estas palavras: travessia – memória – adaptabilidade.

Desde o ventre materno, sou um peregrino. Minha família e eu tivemos de mudar de lugar tantíssimas vezes por melhores condições de vida. Desde o ventre materno, também, acostumei-me a ouvir o meu nome e a gostar dele. Meus pais me disseram que, antes mesmo do meu nascimento, eles e o meu irmão mais velho já me chamavam pelo meu nome: Franklin. Fui esperado e, talvez por isso, mesmo vivendo em situações limites com a minha família, não me senti *des-esperado*. Tive de atravessar tantos lugares... De deixar

tantas pessoas... De me adaptar tão rapidamente... E o modo que encontrei para lidar com o “não lugar” foi a poesia. Então, comecei a escrever quando tinha 12 anos. As imagens, a fantasia e as palavras se transformaram num modo de gerar... Depois, desenvolvi a paixão pelo hífen (-) e pelas reticências (...). Quando escrevo, separo as palavras com hífen e, assim, crio um “lugar” onde eu posso ressignificar a minha dor. Um hífen é tão pequeno! Ele separa e junta ao mesmo tempo *pedaços* da palavra, criando uma abertura ou lugar por onde um novo significado pode nascer. Apaixonei-me, também, pelas reticências porque elas permitem que a imaginação continue fluindo... para outro “lugar”.

### ► Como conheceu a Companhia de Jesus? E por que decidiu ser jesuíta?

Depois que eu deixei o Seminário Menor e voltei a morar com a minha família, nós já tínhamos um lugar nosso: a casa onde meus pais moram ainda hoje em Aracaju. Mas a minha inquietação me fez voltar para o Seminário Maior de Aracaju e continuar a formação para ser padre diocesano. Lá, fiz a Filosofia. Nesse período em que voltei para o Seminário durante os estudos filosóficos, conheci a Companhia de Jesus. Os primeiros jesuítas com quem tive contato foram viver, durante o período do Natal,

na comunidade, ou favela, onde nós morávamos. Percebi que tinha algo de bom, diferente e estranho ao mesmo tempo naqueles rapazes! Algo que eu queria para mim... Que eu podia sentir, mas não era capaz de agarrar!

A experiência de miséria e pobreza na qual vivi transformou a minha inquietação em *re-volta*! A Filosofia ajudou que aquela minha revolta se tornasse sede de justiça. Eu não entendia porque, num país de maioria cristã quase absoluta, onde celebrávamos a Eucaristia, existiam pessoas que desperdiçavam dinheiro e tantas outras que não tinham o que comer... Ou comiam o que sobrava “das mesas dos ricos cristãos”. Nós comíamos no café da manhã bolachas queimadas que o meu pai comprava por centavos na fábrica que ficava no caminho entre o local de trabalho dele e a nossa comunidade. Aquelas bolachas queimadas, que me pareciam hóstias rejeitadas e que nós comíamos acompanhadas por um café preto... eram o sacramento da desigualdade social celebrado todos os dias... até hoje. Quando adolescente, fui coroinha na minha comunidade e, quase sempre, tinha a impressão de que a Eucaristia que celebrávamos era como um faz de conta... Um teatro... porque o mesmo “lugar” onde celebrávamos, no final de semana, era onde, durante a semana, as pessoas paravam os caminhos

## VISITA PASTORAL ÀS COMUNIDADES INDÍGENAS DO RIO AMAZONAS

Entre os dias 10 e 15 de março, a equipe pastoral que atua na Paróquia de Nazareth, em Letícia (Colômbia), visitou comunidades indígenas de Loma Linda, Nuevo Jardín e Santa Sofia, que ficam às margens do Rio Amazonas.

Os membros da pastoral tiveram a oportunidade de ouvir os moradores,

conhecer os seus valores de vida, sentir os seus anseios, as suas preocupações e a alegria de viver em comunidade. Participaram das visitas a irmã Nohelia García (Laurita), a voluntária Sara Diego, o escolástico Edmo Flores e o padre Valério Sartor.

A iniciativa proporciona mais co-



nhecimento sobre a realidade local e ajuda a fortalecer o vínculo com pessoas e instituições que buscam defender e preservar a cultura das etnias Tikuna, Yagua e Kokama. É importante ressaltar que os povos indígenas e o serviço à Igreja são um dos focos prioritários do Serviço Jesuíta para a Panamazônia (SJPAM).■

## JESUÍTA É CONVIDADO PARA PALESTRAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DO PROCESSO SINODAL NA AMAZÔNIA

O coordenador do Serviço Jesuíta Pan-amazônico (SJPAM), padre Alfredo Ferro, foi convidado pela Universidad del Valle e pela Universidad Santiago de Cali, ambas na Colômbia, para compartilhar com os alunos a experiência do processo sinodal na Amazônia e a importância tanto da Encíclica *Laudato Si'* como do documento final do Sínodo e da Exortação Apostólica do Papa Francisco, Querida Amazônia.

De acordo com o Pe. Alfredo, essa foi uma oportunidade interessante de socializar os processos eclesiais com várias pessoas, especialmente jovens, visto que, comumente, não têm muita relação, ou não se interessam, por questões religiosas ou da Igreja. O jesuíta também destacou que o mais surpreendente foi ver o valor que os jovens estudantes estão dando, neste momento, aos apelos que o Papa Francisco fez desde a Encíclica *Laudato Si'*, focada em uma proposta de conversão integral – tanto espiritual, como intelectual –, também conhecida como metanoia.■

## EM ISOLAMENTO SOCIAL, JESUÍTAS DO SJPAM APROVEITAM PARA REFLETIR

Diante da pandemia do novo coronavírus, que causa a covid-19, os jesuítas Valério Sartor, Edmo Flores e Alfredo Ferro, que fazem parte do Serviço Jesuíta Pan-amazônico (SJPAM), estão em isolamento social em sua residência na cidade de Letícia, Colômbia, desde o dia 20 de março, cumprindo as medidas decretadas pelos governos locais e nacionais.

Esta crise, como para todos, afetou o plano de atividades e, por isso, algumas precisaram ser adiadas, entre elas, o Pré-Fórum Jesuítico Pan-amazônico e a participação no Fórum Social Pan-amazônico (FOSPA), que ocorreria na cidade de Mocoa (Colômbia), no mês de março; e o Encontro Internacional do Projeto Pan-amazônico de Fé e Alegria, convocado pelo SJPAM, previsto, inicialmente, para acontecer em

abril, na cidade de Boa Vista, Roraima.

Segundo a equipe, o momento tem sido propício para reprogramar a vida cotidiana, rever algumas medidas práticas, assumir afazeres domésticos, preparar seminários de estudo e buscar maiores espaços de reflexão, celebração e recreação. Durante esse período, os jesuítas também aproveitaram para organizar um retiro espiritual na Páscoa.■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (Edição 69. Março de 2020)

# FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA DO BRASIL PARTICIPA DA 35ª ASSEMBLEIA DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL



Entre os dias 10 e 11 de março, foi realizada a 35ª edição da Assembleia Geral da Federação Internacional de Fé e Alegria. O encontro aconteceu na Casa de Encontros La Salle, em Mixco (Guatemala), e contou com a presença de diversos representantes de Fé e Alegria de várias regiões do mundo. O Brasil foi representado pelo diretor-presidente da Fundação Fé e Alegria, padre Antonio Tabosa, e a analista de Projetos Sociais, Shirley Mariano.

Os participantes refletiram sobre novas abordagens e mecanismos para garantir a educação nas comunidades em que a Fundação Fé e Alegria atua, incluindo a troca de experiências e influências, de acordo com cada localidade. Na abertura do encontro, os profissionais presentes apresentaram a realidade de seus países. Seguindo a programação, os assuntos novas fronteiras e ação pública, bem como seus respectivos resultados, foram amplamente debatidos e definidos.

Outro destaque da Assembleia foi a nomeação da nova integrante da Junta Di-

## OS PARTICIPANTES REFLETIRAM SOBRE NOVAS ABORDAGENS E MECANISMOS PARA GARANTIR A EDUCAÇÃO NAS COMUNIDADES EM QUE A FUNDAÇÃO FÉ E ALEGRIA ATUA, INCLUINDO A TROCA DE EXPERIÊNCIAS E INFLUÊNCIAS, DE ACORDO COM CADA LOCALIDADE.

retiva, Sabrina Burgos, diretora de Novas Fronteiras e Ação Pública de Fé e Alegria Colômbia, dado o término do mandato de Carlos Vargas, Equador. Os relatórios de gestão, com as demonstrações financeiras, execução orçamentária e parecer da auditoria, foram deliberados e aprovados, bem como o orçamento federativo 2020.

O evento também contou com um espaço para a apresentação de inovações e votação para atualizar e restaurar o atual Plano Federativo de Prioridades, que terá prazo de vigência predeterminado. Por fim, as conclusões do Congresso de Madrid em 2018 foram o tema que finalizou a programação.

Após o encerramento da assembleia, no dia 12 de março, houve uma visita guiada à unidade de Fé e Alegria de Antigua, na Guatemala. Em seguida, foram realizadas reuniões dos diretores nacionais e da Junta Diretiva, nos dias 13 e 14, respectivamente.

Na avaliação da Fundação, o conteúdo exposto foi fundamental para trazer visibilidade para as questões voltadas à educação, possibilitando aos participantes conhecer a realidade de outras localidades internacionais a que o asfalto não chega, mas onde Fé e Alegria pode fazer a diferença. ■

de lixo para pegar deles o que comer, antes que eles jogassem o “lixo” fora.

Minha sede de justiça, com sabor de revolta, ganhou outro tom quando conheci os jesuítas que foram viver conosco na nossa comunidade. Eles, também, tinham sede de justiça! Aquilo me inquietou tanto que, depois de ter conversado seriamente com o mestre de noviços Padre Acrízio Sales e ter pedido permissão ao meu bispo Dom José Palmeira Lessa, fui morar na comunidade vocacional em Fortaleza (CE) em 2002, logo depois de ter terminado o estudo de Filosofia. Era o ano da serpente. Mudei de lugar, mais uma vez...

### ► Quais as experiências mais marcantes que o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?

Na comunidade vocacional, fui apresentado aos Exercícios Espirituais (EE) de Santo Inácio e, então, comecei a entender o que era aquela coisa boa que aqueles simpáticos jesuítas transpiravam. Terminada a experiência de discernimento em Fortaleza, fui admitido no Noviciado da Companhia de Jesus.

As minhas experiências marcantes, durante a formação, estão ligadas a lugares. A primeira experiência, ou lugar, foi o Noviciado Nossa Senhora da Graça em Feira de Santana (BA). Ali, pude fazer uma profunda experiência de Deus em Jesus Cristo, animada pelo Espírito Santo. Então, descobri e entendi o que aqueles jesuítas que conheci em Aracaju tinham encontrado! Algo que, ainda, não sei explicar direito, mas acredito que você, que está lendo este texto e fez os EE, sabe do que estou tentando falar... A sede de justiça era fruto de uma profunda experiência com o Deus de Jesus Cristo. Tenho a impressão de que uma “profética sede de justiça” que não nasce de uma profunda experiência de Deus seja apenas puro desejo de vingança. Como também acredito que uma “profunda experiência de

Deus” que não faça nascer uma profética sede de justiça seja apenas devaneio. Falsos profetas e falsos místicos são faces da mesma moeda: um narcisismo desequilibrado. A experiência com os EE deu à minha experiência poética cor, cheiros, sabores, sons, toque, pele... A minha existência tem se transformado em vida. A experiência de Deus tem transformado a minha vida em lugar fecundo que inclui o outro. Depois, descobri que a mística judaica fala de Deus com O LUGAR: *ha-maqom*. Esse mesmo Deus que nos coloca num lugar espaçoso quando gritamos porque estamos na angústia ou lugar apertado (Sl 118,5).

A segunda experiência, ou lugar, está sendo Roma (Itália). Morar fora do país possibilitou *re-ver* a minha história, a história do Brasil e da Companhia de Jesus. Conhecer pessoas e lugares tão diferentes. Encontrar desafios que, às vezes, querem me parecer insuperáveis! Entrar em contato com uma sociedade pós-cristã. Conhecer países onde a pobreza não existe e onde tudo funciona. Estudar profundamente... Tudo isso tem me feito colocar entre aspas (“”) tanta coisa... Depois de ter me apaixonado pelo hífen e pelas reticências, ultimamente, começo a ter um caso com as “aspas”.

Não terminei, ainda, a formação na Companhia de Jesus, mas sou profundamente grato à Companhia por ter me feito experimentar tantos “lugares”. Para alguém, como eu, que tem como sombra o “não lugar”, viver em diferentes lugares dá “pele” que, com as experiências, vai sendo trocada. As serpentes trocam de pele quando crescem.

### ► Atualmente, o senhor está fazendo o seu doutorado em Teologia Bíblica, em Roma. Como este tempo de pandemia tem afetado seus estudos? Qual a contribuição da Teologia para este momento?

Fui ordenado presbítero no dia 9 de junho de 2012, festa de São José de An-

chieta. Em seguida, fui enviado a Roma para começar uma especialização em bíblia. Atualmente, faço um doutorado em teologia bíblica na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Agora, encontro-me no Brasil porque precisava resolver algumas questões de ordem prática. Sou hóspede na comunidade Nossa Senhora da Estrada, em São Paulo (SP), enquanto espero a reabertura das fronteiras da Europa para que eu possa voltar para casa. Embora eu me sinta muito bem acolhido na comunidade que me hospeda, tenho a sensação de ser um estrangeiro na minha própria terra porque não sei quando vou poder voltar para a minha comunidade de referência, que é o Collegio San Roberto Bellarmino. Vivo uma estranha experiência porque sinto como se não estivesse no meu “lugar”. Ultimamente, tenho rezado esta experiência de estar fora do meu lugar... Então, Percebi que voltei para São Paulo: o lugar onde toda esta minha história começou, em 1977. Aqui, tenho parentes, amigos e companheiros jesuítas que não posso visitar porque estamos todos dentro de casa por causa da pandemia. Ficar num mesmo lugar por muito tempo me inquieta, mas tenho vivido este momento como uma experiência “salmônica”. Os salmões voltam para o lugar onde eles nasceram e, depois de enfrentar muitas dificuldades no percurso de volta, se reproduzem e morrem. Este tempo de ficar em casa, tem sido um tempo fecundo. Um estranho tempo fecundo, vivido num momento marcado por tantas mortes!

A crise global provocada pela covid-19 parou o grande baile de máscaras da humanidade e nos fez perguntar pelo essencial. Gosto de resumir tudo isso na palavra *ambiguidade*. A humanidade é ambígua e a teologia pode contribuir neste momento das máscaras e no pós-máscara, quando passar a pandemia. Mas eu prefiro falar de teo-poética das ambiguidades. ■

## AÇÕES DA CÚRIA GERAL EM ROMA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19

Com o avanço do novo coronavírus e as recomendações de distanciamento social feitas pelas organizações de saúde mundo afora, todos precisaram adaptar suas vidas. Com a Cúria Geral dos Jesuítas, em Roma (Itália), não foi diferente. Menos viagens e reuniões presenciais, mais trabalho sendo feito de casa (*home office*) e mais uso do espaço virtual. O Padre Geral, Arturo Sosa, tem trabalhado diariamente para manter sua programação normal e tem recebido notícias da conscientização das pessoas da comunidade da Cúria.

A situação enfrentada por causa da covid-19 é complexa. Os governos estão aprendendo a lidar com o problema com base nas experiências da China, da Coreia do Sul e da Itália. As reações têm sido mais rápidas e causado mais impactos. A Cúria, como não poderia ser diferente, tem sua preocupação voltada para os mais necessitados, sem condições de custear os melhores tratamentos médicos. Somente um esforço global conseguirá interromper a proliferação do vírus. Caso contrário, os mais pobres serão os mais afetados.

Na Itália, após ter sido epicentro da doença, chegando a registrar o maior número de mortos no mundo, o governo tem mostrado liderança e contado com o patriotismo dos italianos para obedecer às recomendações de quarentena. A resposta tem sido positiva e esperançosa, mesmo que o norte do país ainda permaneça em crise.

A Cúria em Roma tem recebido muitos pedidos de informações sobre jesuítas afetados pelo vírus em todo o mundo e, com transparência e responsabilidade, tem cuidado desses dados, que são dispersas e mudam diariamen-



Cúria Geral dos Jesuítas, em Roma (Itália), suspendeu as atividades presenciais

te. Além disso, o desejo é que o foco esteja na missão e na ajuda que os jesuítas podem levar ao próximo.

Para isso, um comitê de crise reúne-se na Cúria diariamente para avaliar questões internas e externas. O ecônomo geral da Companhia também está monitorando o impacto sobre os investimentos e recursos, tentando planejar

**“A PALAVRA DE DEUS  
PRECISA SER PREGADA  
EM TEMPO E FORA  
DE TEMPO. A MISSÃO  
DA COMPANHIA DE  
JESUS, DESDE SUA  
FUNDAÇÃO, É O QUE  
TEMOS FEITO: TRAZER  
CONFORTO”**

com antecedência e identificar quais os efeitos desse problema sobre a capacidade de alcançar apostolicamente. Esta situação tem demandado de cada um, de maneiras pequenas e grandes, atos diários de heroísmo e consolação.

Nossas ações precisam ser pensadas de acordo com os exemplos de São Luís Gonzaga e de outros santos que lutaram contra a peste e a doença. Será que eles iriam para as ruas ministrando aos doentes e aos sem-teto ou, sabendo o que sabemos sobre o vírus, encontrariam outras formas de estar presente e trazer o alívio de Cristo?

Essas formas alternativas têm surgido. Alguns jesuítas trabalham em hospitais usando toda a proteção necessária. Outros estão oferecendo acompanhamento por telefone. Existem inúmeras outras iniciativas que estão destacadas em uma seção especial no [site da Cúria](#). A Palavra de Deus precisa ser pregada em tempo e fora de tempo. A missão da Companhia de Jesus, desde sua fundação, é o que temos feito trazer conforto. ■

## RJM REESTRUTURA ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

Diante do agravamento e da complexidade da crise migratória venezuelana, a Rede Jesuíta com Migrantes da América Latina e Caribe (RJM) decidiu reestruturar a organização na América do Sul e, assim, articular de maneira mais eficiente o serviço, a defesa, a proteção, o acolhimento, a integração e a promoção dos migrantes forçados da região.

A proposta, que unifica o trabalho da Companhia de Jesus em toda a América do Sul, foi apresentada pela equipe de coordenação da RJM à Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe (CPAL), que aprovou a reorganização. Para a coordenação dessa nova região, foi nomeado, no dia 12 de março, o padre José Tomás Vicuña, jesuíta da Província do Chile, que, atualmente, também é diretor nacional do Serviço Jesuíta a Migrantes (Chile) - SJM. Caberá a ele fortalecer o senso do trabalho conjunto da RJM e de alianças com outros membros da igreja e da sociedade civil. O anúncio da unificação foi feito por meio de um comunicado.

Lê-se na nota: “A extensão e a complexidade do fluxo migratório venezuelano forçado, causado pela crise venezuelana não cessa para todos os países da região, onde se verifica a violação generalizada de seus direitos e o aumento das atitudes de repúdio e xenofobia, que obrigam a rede a implementar ações coordenadas em cada país e na região”.

Em entrevista ao *Em Companhia*, o padre Agnaldo Júnior, diretor nacional do SJMR Brasil, obra participante da RJM, enumerou os principais benefícios da decisão. “A união das antigas regiões Andina e Sul irá favorecer a termos um olhar mais amplo sobre a América do Sul, onde os fluxos migratórios têm sido muito comuns. Há um verdadeiro corredor humanitário que utiliza os países da região como passagem para chegar a outros destinos. A atenção, o serviço a que a RJM é chamada a dar, deve ser feita de forma integrada. O trabalho cresceu praticamente em todos os países da região. O número de escritórios precisou ser aumentado para poder marcar presença onde há um significativo número de pessoas que necessita de apoio. Certamente, esse novo passo será um ganho para um trabalho mais articulado entre os nossos escritórios, mas também um bem maior para os migrantes e refugiados que poderão contar com nossa ajuda em todos os lugares onde estamos presentes”, disse o jesuíta.

Pe. Agnaldo falou ainda sobre os desafios da RJM com relação à crise migratória venezuelana: “O desafio consiste em atuarmos unidos na acolhida e proteção a essas pessoas que cruzam nossas fronteiras e ajudá-los a perceber que atuamos em rede, que formamos uma rede internacional. Certamente, não será um trabalho fácil ter de articular países, realidades e políticas migratórias tão diversas. É um

desafio maior ainda quando olhamos as distâncias continentais e culturais que separam esses países e o que isso significa para os migrantes e refugiados em suas itinerâncias em busca de proteção e vida. Por fim, temos o desafio da covid-19, que nos coloca frente a muitas incertezas em relação ao modo como iremos continuar prestando o nosso serviço. Estamos tateando para descobrir o que, dessa nossa forma de vida, está morrendo e que novo há de nascer pós-pandemia. Resta-nos seguir da forma que for possível e continuar colocando todos os nossos meios para oferecer a eles, neste tempo, um pouco mais de proteção e garantia de políticas de longa duração que transformem positivamente suas vidas”.

Embora a reorganização da rede sul-americana seja feita com base na crise migratória venezuelana, a RJM está comprometida em continuar acompanhando outros fluxos migratórios na região. Entre eles, a nota menciona “o fluxo colombiano no qual se identifica novamente o aumento de deslocamentos causados pela violência”, e cita também “o fluxo haitiano altamente vulnerável e invisível, os fluxos cubano e dominicano, a presença da população migrante extracontinental ou os tradicionais fluxos de natureza socioeconômica típica do Cone Sul”.

### MILHARES DE PESSOAS EM RISCO

A Venezuela está mergulhada em uma grave crise política e econômica, devastada por seis anos consecutivos de recessão, inflação e uma violenta desvalorização da sua moeda. Somam-se a isso o colapso dos serviços públicos e a escassez de alimentos e medicamentos, que resultaram na fuga do país de mais de cinco milhões de venezuelanos, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Muitos chegaram, até mesmo, a perder suas casas e enfrentam, agora, exploração, abusos, racismo, discriminação e xenofobia. Trata-se de uma crise sem precedentes no continente sul-americano. ■





**Pe. Jean Denis Saint-Félix, SJ**  
Superior dos Jesuítas no Haiti

## UM GRITO PELO HAITI

O Haiti era, até meados de março, um dos poucos países em que nenhum caso positivo da covid-19 havia sido registrado, pelo menos, oficialmente. No entanto, no dia 19, o governo anunciou os dois primeiros casos. Parece que as autoridades estão tomando medidas para proteger a população. A fronteira entre o Haiti e a República Dominicana está fechada desde o dia 16 de março, na mesma semana em que o governo decretou o fechamento de todos os portos e aeroportos do país. As atividades culturais, educacionais e religiosas foram suspensas. A angústia se transforma em medo. Vive-se um pânico nacional quando se reconhece a precariedade do sistema de saúde, a promiscuidade e a falta de higiene que caracterizam a vida dos haitianos. Quatro milhões de pessoas já vivem em insegurança alimentar, calculamos que, nos próximos dias, essa crise vai se agravar, expondo à fome mais da metade da população.

Enquanto isso, no dia 2 de março, Jouthe Joseph foi empossado primeiro-ministro. Espera-se que o novo governo encerre o longo ciclo de instabilidade política e violência social e econômica. Entretanto, após vários dias de manifestações violentas organizadas pelos agentes policiais, as autoridades concordaram com suas demandas. Uma semana antes, havia sido anunciado um programa de segurança social a fim de restabelecer a calma.

Em meio a toda essa situação, a Companhia de Jesus no Haiti continua buscando seu caminho e a sua própria

voz. À luz das Preferências Apostólicas, estamos repensando nossa maneira de ocupar o espaço e trabalhar, com base em três pilares: educação, espiritualidade e administração ou governo.

Nossa grande preocupação continua sendo Fé e Alegria. Nos últimos anos, nos dedicamos a fortalecer a rede e a estrutura administrativa e pedagógica. Em fevereiro, foi realizada uma Mesa Técnica, da qual participaram a Entreculturas, a Federação Internacional e a Conferência de Provinciais na América Latina e Caribe (CPAL), evento em que se apresentou-se a prévia do relatório de uma auditoria feita nos últimos meses. Seguindo suas recomendações, queremos renovar e potencializar o sistema e o pessoal contábil, e temos de enfrentar duas grandes urgências: 1) sanar um déficit de 250 mil dólares e 2) constituir um fundo de investimento capaz de nos ajudar com os salários dos professores. No Haiti, temos de estar presentes no mundo da educação se quisermos que nossa contribuição seja significativa e duradoura. Por isso, pedimos a ajuda de todos, tanto em recursos financeiros como em recursos humanos, para responder com eficácia a esta missão.

Os escritórios de Fé e Alegria e do Serviço Jesuíta a Migrantes (SJM) estão alojados em estruturas pré-fabricadas e ‘temporárias’ faz 10 anos, por ocasião do terremoto, e estão totalmente deterioradas. Por isso, gostaríamos de contar com um espaço para abrigar os trabalhos de Fé e Alegria, o Centro Social SJM, o Centro de Pesquisa, Reflexão, Formação e Ação Social (Cerfas) e a Escola de Formação de Professores. Esse projeto nos permitiria intercambiar serviços e compartilhar a estrutura administrativa.

Também temos concentrado esforços para melhoria do Colegio San Ignacio, cujo desafio é adquirir um espaço maior para realocar a escola, implementar, com mais

eficácia, a pedagogia inaciana e realizar atividades esportivas que nos permitam combater o individualismo e a violência. Seria muito bom ter o apoio da Federação Latinoamericana de Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI) e da Rede Claver.

Em fevereiro, recebemos a visita do Pe. Erik Oland, Provincial do Canadá. Com ele, além de discutir nossa nova visão para os próximos 10 anos, visitamos os habitantes de Carrefour Charles como parte do projeto para criar uma paróquia no Departamento de Grand’Anse. Como a instalação dessa paróquia exige energia e recursos, gostaríamos de ter o acompanhamento da Rede Latino-Americana de Paróquias Jesuítas (RELAPAJ).

Agradecemos à CPAL por nos proporcionar este espaço, lembramos que o Haiti – juntamente com a Amazônia e Cuba – é um dos territórios prioritários da missão comum da Conferência. Por isso, faço um apelo para que as províncias que compõem a CPAL olhem para nós e nos acompanhem no processo de autonomia e de maior serviço ao povo haitiano. Pedimos-lhes que sejam sensíveis às nossas necessidades. Reiteramos nosso desejo de receber jesuítas ávidos por ajudar a pôr em prática o projeto de um instituto de formação superior de professores. Que alguns irmãos se ofereçam a vir a este sofrido povo e nos ajudem a pensar e planejar nossas estruturas administrativas. Este é um grito de socorro que gostaríamos que toda a Companhia de Jesus na América Latina ouvisse e considerasse.

Com a atual crise mundial, as grandes cidades vão debruçar-se sobre si mesmas, por isso há o risco de que se esqueçam das populações pobres, dos mais vulneráveis. Somos os mais carentes da região. Esperamos que a Companhia continue sendo solidária, recordando ao mundo a nossa existência e o desejo profundo para que o nosso povo viva dignamente. ■

## RJE AMPLIA PLATAFORMA DE ESTUDOS ON-LINE PARA LEVAR CONTEÚDO A ALUNOS

Uma das medidas adotadas pelas autoridades governamentais para conter a proliferação acelerada da covid-19 foi a suspensão de atividades presenciais nos colégios. Se, por um lado, essa medida é necessária, por outro, trouxe consigo um ambiente de instabilidade e de preocupação quanto ao cumprimento das atividades curriculares.

Como dar conta de um calendário, com obrigatoriedade de dias e horas letivos, tendo a suspensão das atividades presenciais? Como professores e alunos irão se organizar para que as atividades possam acontecer dentro das garantias de aprendizagens definidas para cada segmento? Como as famílias vão se organizar para o acompanhamento das atividades dos filhos em casa? Todos os alunos têm recursos tecnológicos que suportem as demandas do trabalho não presencial? Por quanto tempo será necessário o trabalho não presencial com

os alunos e os professores? Os professores conseguirão, de suas casas, dar conta de tantas demandas? Os colégios conseguirão atender a tantas novas exigências, em tão pouco tempo? Como cuidar da comunidade educativa nas suas demandas pessoais, comunitárias e sociais?

Essas e tantas outras perguntas passaram a fazer parte do cotidiano das equipes pedagógicas dos colégios e a busca por indicativos de respostas tem sido uma constante.

A Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE) tentou responder aos desafios dessa nova realidade tendo como premissas a garantia do processo de aprendizagem dos estudantes. Com isso, as equipes acadêmicas estruturaram como seria vivenciada essa experiência, conforme explicou o diretor-presidente da RJE, irmão Raimundo Barros. “As comunidades educativas – alunos, professores, famílias, técnicos pedagógicos, entre outros – tiveram de redimensionar todo o trabalho e começar uma experiência nova, desafiadora e dentro de um prazo imediato. O trabalho não presencial tem grandes desafios e, na educação básica, os limites, legais e práticos, somam-se ao fato de adotar práticas de educação a distância em todos os colégios da rede e em todos os segmentos”.

Os colégios da RJE já dispunham de uma plataforma para atividades não presenciais, entretanto, a ampliação de uso para todos os professores e alunos simultaneamente trouxe desafios tecnológicos, metodológicos e práticos.

“O reforço na Plataforma MoodleRJE foi necessário; a capacitação dos docentes para uso de novas

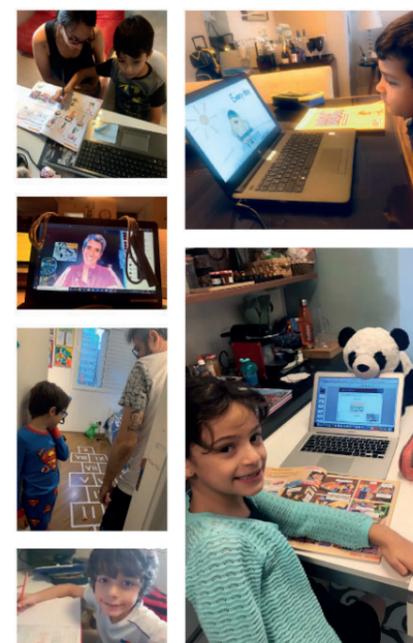
ferramentas para o trabalho não presencial foi e está sendo feito; o trabalho de professores e alunos vai ganhando mais estabilidade, segurança e qualidade; os recursos tecnológicos vão ajudando no encurtamento das distâncias e fortalecendo os vínculos na comunidade educativa; novas perguntas e inquietações vão surgindo; dificuldades de algumas famílias vão chegando aos colégios e exigindo movimentos do serviço social, financeiro, coordenação pedagógica, serviço de orientação, entre outros”, revelou Ir. Raimundo.

E o que dizer das pressões externas, que vão desde questões financeiras, passando por metodologias e chegando à indefinição do calendário letivo?

“Esse tem sido um tempo de muitos movimentos e o adjetivo ‘bom’ talvez não seja o mais adequado, mas é fato que esse momento de suspensão das atividades presenciais tem permitido a quebra de muitos paradigmas dentro dos colégios; tem trazido novos ares no trabalho de professores e alunos; tem exigido redimensionamento do trabalho pedagógico e despertado uma onda de criatividade e solidariedade que merece destaque”, disse o jesuíta.

Mesmo com todos os membros das comunidades educativas em suas casas, a experiência de proximidade tem sido fortalecida e agora o desafio é a preparação para o retorno das atividades presenciais. Quando as atividades serão retomadas? Em que condições? Cuidados que serão necessários? Terão novas diretrizes na legislação?

Agora é um tempo de boas perguntas e de mobilização por respostas, sabendo que o trabalho precisa ser feito com muita criatividade e solidariedade, apesar do ambiente e situações de instabilidade. ■



# SER MAIS AMAZÔNIA

Em conjugação com as Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus e com a realização do Sínodo para a Amazônia, o Programa MAGIS Brasil, ação apostólica da Companhia de Jesus com os jovens, apresenta a campanha *Ser Mais Amazônia*. Contando com uma série de eventos, atividades, estudos e engajamentos, a campanha é planejada para contribuir na formação social, cultural, religiosa e cidadã dos participantes.

Anualmente, a escolha de um tema comum norteia diversas atividades no país. A realização de diversas ações e projetos tem como base os eixos que estruturam o Programa e compõem sua agenda de trabalho junto aos jovens. São eles: Exercícios Espirituais; Justiça Socioambiental; Pedagogia da Formação; Vocações; Voluntariado e Inserção Sociocultural. *Ser Mais Livre* (2019) e *Ser Mais Consciente* (2018) foram as campanhas mais recentes do MAGIS.

Ir. Davidson Braga, diretor do Centro MAGIS Amazônia, explicou a razão para que cada período tenha uma orientação diferente na inspiração dos trabalhos: “O Programa MAGIS envolve diferentes realidades e aproximações juvenis pelo país. Queremos, cada vez mais, respeitar estas singularidades. Ao mesmo tempo, queremos pautar alguns temas que são importantes tanto para a Igreja quanto para a sociedade. A ideia de lançar uma campanha nacional com diferentes temas, além de colaborar na unidade (diferentes olhares, singularidades e atuações sobre um mesmo tema), ajuda também a implementar os cinco eixos do Programa”.

mais do que isso, seja um momento em que nós, moradores da Amazônia, possamos ter voz e que ela possa ecoar não apenas como sinal de pedido de socorro mas também de esperança”.

Espelhando-se nos passos dados por Jesus, Ayla lembrou e alertou: “Nós, cristãos, acreditamos em no Cristo que se fez humano e defendeu causas rejeitadas pela maioria da sociedade, ou que não importavam para os mais favorecidos. O Cristo que lutou em defesa das vidas até o último minuto de Sua vida. A Amazônia é um lugar de muitas vidas desrespeitadas, que não são cuidadas e que, a cada dia mais, estão sendo exterminadas. Como jovens cristãos, nossa função é defender as vidas e, assim, gerar outras vidas na Amazônia”.

Há jovens de todas as regiões do Brasil envolvidos com a campanha. Gabriel Sued, 22 anos, é um exemplo. O colaborador do Núcleo MAGIS Bahia, morador de Salvador (BA), contou suas percepções sobre a campanha: “Como todas as campanhas do MAGIS, a deste ano - *Ser Mais Amazônia* - provoca a reflexão sobre o nosso posicionamento em relação às causas ecológicas e, com base nestas, sobre as causas sociais, espirituais e culturais. Me sinto provocado a responder ao convite de cuidar da Casa Comum de maneira consciente, respeitando a vida, as pessoas, as crenças, as culturas, que são tão distintas, mas que sempre vão nos ensinar algo e nos permitir ressignificar a vida, com olhares mais atenciosos”.

É possível, para um jovem, contribuir para o cuidado da casa comum, a nossa Amazônia, independentemente de seu local de moradia? Para Gabriel, sim. “O chamado para cuidar da Amazônia é justamente o de cuidar de todos os biomas, das crenças, das culturas e cada um pode fazer isso em seu local. Acredito que o Magis, inspirado por Santo Inácio e tão falado por nós, é este de potencializar as nossas ações, ser Magis para Amazônia é Ser Magis (Amazônia) onde eu estou”.

Joslayne de Melo Barbosa, 26 anos, de Brasília (DF), concorda que é possível ajudar e assumir o compromisso com o cuidado da região ainda que de longe. Ela ressaltou outros lados importantes da experiência: a possibilidade de ampliar a visibilidade dos acontecimentos e das lutas da Amazônia e a capacidade de motivar e integrar ações que estimulem o interesse de todos e todas. “Como brasileira, vejo a Amazônia como casa. E a nossa casa é um lugar em que gostamos de estar e do qual cuidamos com frequência. A campanha *Ser Mais Amazônia* é a nossa maneira de poder cuidar da nossa casa, exatamente o que me motivou a participar: cuidar daquilo que é nosso”, explicou.

Gustavo Lino Guerra, 32 anos, morador de Guarulhos (SP), teve a chance de conhecer o território amazônico na experiência Puxirum (do tupi: fazer juntos), também do Programa MAGIS. Após passar quatro dias na comunidade indígena Sateré-Mawé, o jovem relatou que tudo o que diz respeito a esse tema passou a cativá-lo. Ele nos contou que entende essas questões como muito importantes para a juventude, “ainda mais em razão da falta de cuidado por parte de nossos governantes e do desrespeito por essa terra e por esse povo que aumenta a cada dia. Precisamos fazer com que os jovens não só tenham consciência da importância do cuidado com a Amazônia, como também de que é necessário semear o Amor para essa terra e esse povo”.

A vivência de Gustavo despertou seus olhos e ouvidos para os aprendizados possíveis e necessários para lidar com a questão. “Temos muito a aprender com a forma de viver, o respeito com cada ser vivo, a simplicidade, a partilha e tantas lições que são muito valiosas. O respeito com o Sagrado que vi durante o tempo em que estive na comunidade, é admirável”, nos contou. Para ele, há maneiras de ajudar: “Por meio da informação que podemos adquirir e repassar de forma consciente e responsável e pelo incentivo à cultura e à economia, di-

vulgando e consumindo produtos com responsabilidade ecológica como um diferencial para as concorrências. Além disso, amando e cuidando, não só da Amazônia, mas, a exemplo dessa terra, também de toda a Casa Comum, dando voz a esse povo que tem pouco espaço para divulgar o muito que tem a nos falar. Respeitando o lugar de fala deles”.

Para Vinicius Riechi, 26 anos, morador da região Sul do país, Curitiba (PR), é difícil ter a real dimensão da importância e imensidão da Amazônia. O colaborador voluntário do Programa MAGIS acredita que a campanha nos auxilia a entender que, independentemente de quem somos e de onde estamos, a Amazônia clama a justiça socioambiental. “Quando olhamos para essa floresta por meio de um contexto espiritual, social e apostólico, entendemos que não precisamos estar geograficamente dentro da região amazônica para sermos Mais Amazônia. Isso me motiva individualmente e também como colaborador do MAGIS para levar a campanha a outros jovens e trabalhar, de alguma forma, a proteção ambiental e a justiça social”.

Para ele, a Amazônia oferece uma representatividade ao jovem cristão e dá rosto tanto para problemas quanto para belezas. “Ao mesmo tempo em que ela representa a devastação ambiental, a exploração e o desrespeito com os povos originários, bem como o oportunismo, ela também representa o dom da vida, o poder da natureza e o cuidado de Deus. O jovem cristão se preocupa com esses problemas e busca encontrar essas belezas, então, a Amazônia assume esse papel vital de ser uma representação para o jovem”. ■



## CAMPANHA EM TEMPOS DE COVID-19

Você, leitor, pode ter se perguntado: o que muda na programação da campanha, diante da pandemia da covid-19?



Conversamos com Ir. Davidson Braga, diretor do Centro MAGIS Amazônia, a respeito do assunto:

O cotidiano das pessoas em todo o mundo mudou bruscamente. Nós também estamos nos adaptando a essa realidade. Um ponto que nos ajuda é que a campanha foi pensada de modo muito aberto, incluindo os eventos que podem ocorrer durante sua realização. Além disso, a primeira parte da campanha é virtual. Assim, ela facilmente se adapta a essa realidade. Estamos produzindo e divulgando os materiais previstos na dimensão CONHECER. Agora, em abril, publicamos o videoclipe Querida Amazônia, uma espécie de hino da Campanha. Outros materiais previstos estão em produção, como o podcast *Ser Mais Amazônia* (previsto para a plataforma Spotify a partir de maio), o Guia Inspirador do Eixo Justiça Socioambiental e a Semana Mundial do Meio Ambiente. O que sofre mudanças significativas é a dimensão AMAR. Estamos revendo as experiências de imersão em comunidades tradicionais propostas durante a campanha. Não realizaremos mais no mês de julho, como nos havíamos proposto. Estamos estudando e aguardando mais informações e o estabelecimento das novas rotinas para definir quando e como essas experiências poderão acontecer. Aqui, visamos, sobretudo, ao cuidado dessas comunidades, que são desprovidas de serviços de saúde básica.

**Vocês estão aproveitando este tempo de distanciamento social e mudanças de hábitos para desenvolver atividades e ações que alcancem os objetivos da campanha?**

Neste tempo de distanciamento, estamos nos dedicando a aperfeiçoar a dimensão *Conhecer* da campanha. Intensa pesquisa e produção intelectual têm nos ocupado bastante. Seguimos todas as orientações de segurança e nos antecipamos em algumas delas. Sem alarmismos e posturas extremadas, estamos lidando com a situação. O que sentimos, sem dúvida, é a falta de rodas de conversa, tardes de espiritualidade e outras atividades em que interagimos diretamente com jovens. O abraço, os olhares e outros gestos espontâneos que nos ajudam a aprender estão fazendo falta. Mas sabemos que isso é temporário e que logo teremos nossos espaços e atividades funcionando normalmente. Estamos nos preparando para essa volta.

**O Papa, na homilia da bênção *Urbe et orbi*, disse que estamos doentes porque o planeta está doente. Como a campanha, especialmente os jovens, podem ajudar a curar este mundo ferido?**

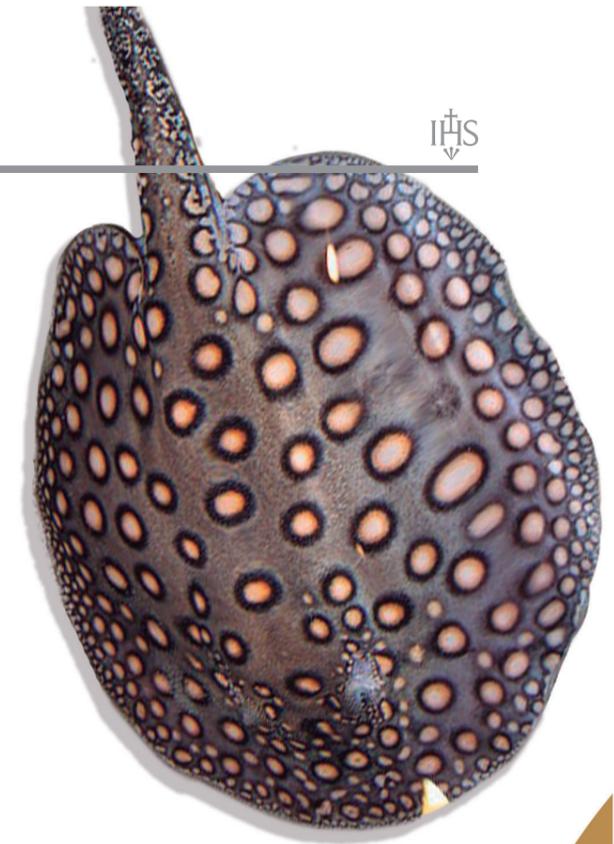
De fato, o planeta está doente há muito tempo. Curar este mundo ferido é desejo dos jesuítas há muitos anos. Vamos caminhando juntos com tantos outros servidores de Cristo nessa direção. *Ser Mais Amazônia* é apenas mais uma ajuda. Temos plena consciência de que a campanha funciona como uma gota no oceano, mas essa gota é importante. Como diz a parábola, sem essa gota o oceano seria menor. Os jovens podem ajudar a curar o mundo ferido amando mais, respeitando mais, preservando mais, cuidando mais, sendo mais justos e mais solidários. Para isso, o convite é reafirmado: precisamos ser mais Amazônia.

A campanha do ano passado (2019), *Ser Mais Livre*, foi a última norteadora das atividades. O Programa proporcionou aos jovens uma experiência de liberdade em Cristo e, conseqüentemente, uma atitude de pertença ao mundo em que estão inseridos. As reflexões ajudaram os jovens a analisar sua consciência e incentivaram que a liberdade encontrada abrisse espaço para uma vida de alegria, que supere os egoísmos e os prepare para servir, sem medo, a Deus.

Em 2018, foi a vez da campanha *Ser Mais Consciente* inspirar as atividades da rede inaciana de juventude. O Programa se propôs a ajudar os/as jovens a descobrirem o mundo onde vivem e seu lugar nele. Com o objetivo de sugerir a vivência de fé madura e o engajamento social crítico, o MAGIS tentou fornecer subsídios que ampliam a capacidade dos jovens de analisar a realidade e compreender as implicações da vivência diária do seguimento a Jesus Cristo no mundo.

De acordo com Ir. Davidson, entre os objetivos deste ano está o reforço de documentos da Companhia de Jesus que pedem o “dar a conhecer a Amazônia”, como, por exemplo, o Plano Apostólico da Província dos Jesuítas do Brasil e o Relatório da Justiça Socioambiental. Ele também destacou como propósitos das ações a difusão dos resultados do Sínodo para a Amazônia, o fortalecimento das iniciativas de diferentes redes da Companhia como a Rede Jesuíta de Educação (RJE) e o Observatório Luciano Mendes de Almeida (OLMA), além da esperança de que “os jovens sejam cada vez mais conscientes, competentes, compassivos e comprometidos com a Casa Comum”. ➤

Dentre o legado do Sínodo Especial para Amazônia, convocado pelo Papa Francisco e realizado em outubro de 2019, pode ser destacada a Exortação Querida Amazônia, publicada pelo pontífice no dia 12 de fevereiro deste ano. Se interessou e quer saber mais? É possível conferir o documento na íntegra por meio deste link: <https://bit.ly/3eMWiFz> ou código QR:



A campanha objetiva uma audiência mais abrangente do que o do Programa. “O Programa MAGIS Brasil tem como público-alvo pessoas de 15 a 32 anos. Nós, jesuítas, ampliamos a faixa etária juvenil em comparação com outras classificações. Já a Campanha *Ser Mais Amazônia* tem um público maior. Além dos jovens que são público do Programa, a Campanha está direcionada também a parceiros e colaboradores, pessoas e instituições”, esclareceu Ir. Davidson.

Três segmentos de público foram definidos: o **público geral** (obras da Província dos Jesuítas do Brasil, congregações religiosas afins e dioceses, como o setor Juventude e outras pastorais), o **público multiplicador** (jovens que acompanham as atividades e propostas do MAGIS em todo o país) e o **público motivador** (jovens, jesuítas e corpo de funcionários que atuam nos Centros e Espaços MAGIS).

A Campanha ainda está em construção e terá ajustes sendo conduzidos ao longo do ano. Entre as influências principais para sua elaboração, foram citadas pelo coordenador do MAGIS Amazônia a própria relação da Companhia de Jesus com jovens e os fatos ocorridos e desdobramentos do Sínodo Para a Amazônia. Além dos anteriormente mencionados, ele também citou a Encíclica *Laudato Si*, o documento final e o *Instrumentum Laboris* do Sínodo para Amazônia.

O principal desafio para o sucesso da campanha é o engajamento dos jovens. Com a intenção de dialogar melhor com seu público-alvo e facilitar a disseminação das mensagens, o MAGIS disponibiliza partes importantes da campanha por meios digitais. Seus documentos e subsídios estão disponíveis on-line, assim como textos, vídeos e músicas. Porém, Ir. Davidson alerta que o coração da cam-

panha está “no engajamento da vida, com mudanças concretas em práticas e posturas”. O jesuíta explicou que, para favorecer o engajamento, a campanha foi pensada em três dimensões que vão se aprofundando com o tempo: **conhecer, amar e servir**.

A Campanha deste ano reafirma o compromisso assumido no eixo Justiça Socioambiental do MAGIS Brasil que se propõe a construir, junto aos jovens, novas formas de se relacionar com o ambiente e mudanças de práticas pessoais e institucionais em favor da Casa Comum. De acordo com o texto de apresentação da campanha, os idealizadores avaliam que o momento convoca todos a voltarem seus olhares para a realidade amazônica, como oportunidade de viver uma conversão ecológica integral.

O subsídio da campanha também nos conta que o “entusiasmo ao propor *Ser Mais Amazônia* como tema para a Campanha anual do Programa MAGIS cresce, também, pela convicção de que jovens são o ponto de emergência de uma nova cultura ecológica, que concilia proteção ambiental e justiça social, como elementos para o desenvolvimento sustentável”.

O texto continua reforçando a pluralidade de olhares e vivências presentes no território amazônico: “A Campanha *Ser Mais Amazônia* propõe que nos voltemos à multiétnica, multicultural e multirreligiosa (DAP, 86) realidade amazônica, ameaçada pela destruição e exploração ambiental e pela violação de direitos de sua população. Queremos, como jovens e com jovens, ‘aprender, dialogar e responder com esperança e alegria aos sinais dos tempos junto aos povos da Amazônia’ (ILSA, 34) e incentivar relações mais justas, de comunhão e de cuidado com as pessoas, com a sociedade e com a natureza”.

**CONHECER:** A primeira dimensão de engajamento é mais informativa, ajudando a conhecer a região amazônica, o Sínodo para a Amazônia e seus resultados.

**AMAR:** A segunda propõe um envolvimento afetivo com a causa e, por isso, está focada no estabelecimento de vínculos com as pessoas, com a terra e com a floresta, pois só se ama aquilo que se conhece.

**SERVI- R:** Por fim, a gente se coloca a serviço de quem amamos. É quando entra em cena a terceira dimensão: ajudar jovens a assumir práticas e ações concretas para serem vividas de modo pessoal, institucional e social.



“Amazônia Querida!

Tua resistência acorda e inspira o peregrinar

Ao cuidado da vida que brota do irmão, é Deus convocando o Amazonizar!”



Clique aqui para assistir o vídeo de *Amazônia Querida!* - o Hino da campanha *Ser Mais Amazônia*: <https://bit.ly/2y530ev>

No fim do mês de abril, foi lançado o hino da campanha, composto por jovens músicos da Amazônia, representantes do Centro MAGIS Amazônia e dos Espaços MAGIS Manaus (AM) e Santarém (PA). Na música, composta entre os dias 28 de fevereiro e 1º de março deste ano, a presença de Deus aparece ligada aos frutos dados pelo solo amazônico, aos elementos típicos da região e aos rituais e hábitos cotidianos dos diferentes povos da região. Pescadores, ribeirinhos e indígenas também aparecem nesta exaltação à miscigenação.

Thalia Sarmanho, 23 anos, de Belém (PA), foi uma das coordenadoras das

atividades que levaram à composição e gravação do hino. A jovem, colaboradora na equipe do Centro Magis Amazônia, se arriscou a dizer que temas relacionados à preservação da natureza deveriam ser imprescindíveis para a juventude. “Nosso conhecimento não pode se resumir somente a reconhecer a fauna e a flora. Há muito o que se fazer pelo meio ambiente, inclusive, dentro do próprio cotidiano da juventude”, afirmou Thalia.

Sob o ponto de vista da belenense, a multiplicidade e a singularidade conversam quando o assunto é o papel da Amazônia na vida da juventude, “Há diversidade no que compõe a caminhada

de um jovem cristão, mas também há unidade quando falamos da Casa Comum. Nesse contato aproximado com a Amazônia, a juventude experiência uma fonte de vida, compartilhando outras realidades e se nutrindo com toda sabedoria que esse lar abriga”.

Também da região amazônica, Ayla Tapajós, 21 anos, de Santarém (PA), descreveu um pouco de suas impressões sobre os contextos que envolvem atualmente o local. “A maior porcentagem de área da Amazônia está dentro do território brasileiro e nós temos uma função dentro do todo, necessariamente no nosso país, mas o que percebo é que somos tratad@s como algo separado, ou um grande terreno que pode ser utilizado como moeda de troca em algum momento. O que quero dizer é que, para mim, como jovem indígena, mulher amazônica, essa campanha é mais um sinal de esperança”.

Ayla afirmou que se dispõe a ajudar seus conterrâneos a se deixarem pertencer pelo chão sagrado, com o objetivo de que, dessa forma, faça crescer a luta pela defesa das vidas na Amazônia. “Compreendendo que só é possível falar e defender uma questão sentindo-se parte integrante dela”, explica, ressaltando a importância da consciência de estarmos todos interligados no país. A jovem indígena contou suas perspectivas acerca das atividades: “A minha esperança é que essa campanha sensibilize e proporcione experiências de profundo pertencimento mesmo àqueles que não moram aqui, e que se estenda, porque as discussões precisam ser constantes. Que cresça. E que, »